

Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**

## **FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ**

### **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

**MARIA GLÓRIA CARVALHO**

**A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO E AS PRÁTICAS DE CUIDADO EM  
SAÚDE POPULAR: A EXPERIÊNCIA DAS MEZINHEIRAS DA COMUNIDADE  
CHICO GOMES – CRATO**

**EUSÉBIO**

**DEZEMBRO DE 2020**

MARIA GLÓRIA CARVALHO

**AS MEIZINHEIRAS DA COMUNIDADE CHICO GOMES – CRATO: A  
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO E AS PRÁTICAS DE CUIDADO EM  
SAÚDE POPULAR.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará.

Orientadora: Me. Bruna Dayane Xavier de Araújo

EUSÉBIO

DEZEMBRO DE 2020

Catlogação na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Escritório Técnico Fiocruz Ceará  
Biblioteca Fiocruz Ceará  
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331c      Carvalho, Maria Glória.  
              A Convivência com o Semiárido e as Práticas de Cuidado  
              em Saúde Popular: A Experiência das Mezinheiras da  
              Comunidade Chico Gomes – Crato / Maria Glória Carvalho. –  
              2020.  
              40 f. : il. : color.

              Orientadora: Me. Bruna Dayane Xavier de Araújo  
              TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção  
              de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –  
              Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2020.

              1. Economia Solidária. 2. Convivência com o Semiárido.  
              3. Práticas de Cuidado em Saúde. I. Título.

CDD – 362.1068

MARIA GLÓRIA CARVALHO

AS MEIZINHEIRAS DA COMUNIDADE CHICO GOMES – CRATO: A  
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO E AS PRÁTICAS DE CUIDADO EM SAÚDE  
POPULAR.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

---

Me. Bruna Dayane Xavier de Araújo (Presidente /Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Ana Cláudia de Araújo Teixeira  
Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará

---

Profa. Me. Emille Sampaio Cordeiro  
Universidade Federal do Cariri

Data da Aprovação: \_\_\_ de \_\_\_\_ de 2020

EUSÉBIO-CE

## AGRADECIMENTOS

*“Agradecer é reconhecer o valor de cada pessoa”*

(Domenico Corcione)

De forma alguma, essa construção foi solitária. Pelo contrário, ela foi solidária e enredada. Sem uma rede de amigas, amigos, familiares, companheiros e companheiras de trabalho e do curso, dificilmente o resultado desse estudo seria tão significativo para mim.

Nessa bonita rede de apoio, meu agradecimento muito amoroso à Dona Rina, Dona Iraci e Dona Peinha, que sempre me serão referências de cuidadoras, educadoras populares e mulheres de luta.

Às filhas e filhos das mezinheiras, Manoel, Rosely e Teresinha, e às amigas Solange e Verônica, da Cáritas Diocesana de Crato, que foram um porto seguro nas informações e trocas de saberes sobre essa rica experiência das mezinheiras da Comunidade Chico Gomes.

Às coordenadoras do Curso de Especialização, Ana Cláudia, Neila e Verinha, que com atenção cuidadosa resgataram-me dos descaminhos da descrença em mim, durante a jornada do curso de especialização. À minha querida amiga e irmã de vida, Gigi, também da equipe do Curso, que amorosamente cuidou e cuida de mim.

Às educandas e educandos do Curso, em especial ao grupo do Território Cariri – Alex, Neide, Rita e Sandra -, que me integraram sem reservas e me incentivaram nessa trajetória de saberes.

À minha orientadora, Bruna, que foi impecável em sua função e foi além, sendo companheira amorosa no tecer desse estudo. Tornou-se ainda, uma fonte inspiradora, com suas vivências e estudos sobre as mezinheiras.

Às companheiras e companheiros da Cáritas Regional Ceará, em especial à Patrícia, Raquel e Reginha, pelo apoio, incentivo e confiança na minha representação enquanto instituição nesse espaço acadêmico e militante.

À minha família, que está ao meu lado em todas as aventuras e desventuras. Por sempre rezarem e acreditarem em mim. Em especial, ao meu companheiro Hermanni e à minha filha Marcela, pelo apoio paciente e amoroso em nossa casa, durante esse tempo de imersão.

Ao Deus, pai e mãe, que cuida de tudo para nós e por ter nos dado uma diversidade de irmãos e irmãs, que formam essa rica sociobiodiversidade entrelaçada com nossa *Pacha Mama*.

Gratidão, gratidão, gratidão.

**Senhora Rezadeira**

*Ô senhora rezadeira  
(Rezadeira)*

*Ô rezadeira senhora  
(Minha senhora)*

*Ô senhora rezadeira  
(Rezadeira)*

*Ô rezadeira senhora*

*Senhora rezadeira  
Reze uma prece com fé  
Pra que a raça brasileira  
Esteja sempre de pé  
Reze pra que o nosso povo  
Viva sempre a liberdade  
E construa um mundo novo  
Cheio de felicidade  
Falei ô senhora*

*Ô senhora rezadeira  
(Rezadeira)*

*Ô rezadeira senhora  
(Minha senhora)*

*Ô senhora rezadeira  
(Rezadeira)*

*Ô rezadeira senhora*

*Reze pra que a lua mansa  
Nunca deixe de brilhar  
E na vida a esperança  
Nunca venha nos faltar  
Reze pra que a falsidade  
Seja sempre superada  
E que o amor e a bondade  
Andem sempre de mãos dadas  
Falei ô senhora*

*Ô senhora rezadeira  
(Rezadeira)*

*Ô rezadeira senhora  
(Minha senhora)*

(Dida / Dedé da Portela)

## RESUMO

No Cariri cearense, muitas comunidades foram beneficiadas por projetos sociais, vinculados às ONGs, por exemplo, a Cáritas Diocesana de Crato. Projetos esses para fomentar tecnologias sociais de captação de água da chuva, quintais produtivos, energia solar, casas de sementes comunitárias, formação para gerenciamento dos recursos hídricos, manejo agroecológico, farmácia viva, comunicação social, artes, e etc. O Grupo Meizinheiras do Pé de Serra, localizado na comunidade Chico Gomes foi um desses beneficiados, e a partir desse apoio e da sua auto-organização foram desenvolvidas atividades de práticas de cuidado através do uso de plantas medicinais. O objetivo geral do presente trabalho é refletir como as meizinheiras vivenciam e expressam os princípios da Convivência com o Semiárido, Economia Popular Solidária e Práticas de Cuidado em Saúde Popular. Os objetivos específicos são: conhecer aspectos da construção da identidade do Território, aqui visto como a Comunidade, a partir do olhar da Convivência com o Semiárido; identificar a vivência dos princípios de uma Economia Popular Solidária no Grupo das Meizinheiras; e, sistematizar a atuação das meizinheiras com as Práticas de Cuidado em Saúde Popular. A pesquisa teve por base os princípios da educação popular e a avaliação qualitativa. Essa construção tornou possível a constatação de que existe uma forte inter-relação entre os princípios e as práticas de Economia Popular Solidária, Convivência com o Semiárido e Práticas de Cuidado em Saúde. Tal inter-relação fornece elementos importantes para as demais experiências em curso nos territórios cearenses, para estudos sobre Territorialidade e fazem, cada vez mais, das meizinheiras e da comunidade Chico Gomes uma experiência referencial na construção do Bem Viver.

**Palavras-chave:** Economia Solidária; Convivência com o Semiárido; Práticas de Cuidado em Saúde.

## RESUMEN

En la región de Cariri, muchas comunidades se han beneficiado de proyectos sociales vinculados a ONG, por ejemplo, Cáritas Diocesana de Crato. Estos proyectos promueven tecnologías sociales para la recolección de agua de lluvia, huertos, energía solar, casas de semillas comunitarias, capacitación para la gestión de recursos hídricos, gestión agroecológica, plantas medicinales, medios de comunicación y artes. El Grupo Meizinheiras do Pé de Serra, ubicado en la comunidad Chico Gomes, fue uno de estos beneficiarios, y de este apoyo y su autoorganización, se desarrollaron actividades de práctica de cuidado mediante el uso de plantas medicinales. El objetivo general del presente trabajo es reflejar cómo las meizinheiras experimentan y expresan los principios de convivencia con la economía popular semiárida y solidaria y las prácticas de atención en salud popular. Los objetivos específicos son: conocer aspectos de la construcción de la identidad del territorio, aquí visto como la comunidad, desde la perspectiva de vivir con la región semiárida; identificar la experiencia de los principios de una Economía Solidaria Popular en el Grupo Meizinheiras; y sistematizar el desempeño de las meizinheiras con las Prácticas de Atención en Salud Popular. La investigación se basó en los principios de educación popular y evaluación cualitativa. Esta construcción permitió verificar que existe una fuerte interrelación entre los principios y las prácticas de la Economía Popular Solidaria, la Coexistencia con las Prácticas Semiáridas y de Atención de Salud. Esta interrelación proporciona elementos importantes para las otras experiencias en curso en los territorios de Ceará, para estudios sobre Territorialidad y hacer, cada vez más, de meizinheiras y la comunidad de Chico Gomes una experiencia de referencia en la construcción del Buen Vivir.

**Palabras- clave:** Economía Solidaria; Convivencia con semiáridos; Prácticas de salud popular.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação Semiárido Brasileiro
CEBS	Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COVID 19	Corona Vírus Disease 19
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EDUPOP	Educação Popular
EPS	Economia Popular Solidária
FLONA	Floresta Nacional
FNS	Fundo Nacional de Solidariedade
GRUNEC	Grupo de Valorização Negra do Cariri
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MEB	Movimento de Educação de Base
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização Nacional das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PCSA	Programa de Convivência com o Semiárido
PDRSS	Plano de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário
PNEPS	Política Nacional de Educação Popular em Saúde
PNSICF	Política Nacional de Saúde Integral Povos do Campo e da Floresta
RESSADH	Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SUS	Sistema Único de Saúde

## **LISTA DE FIGURAS**

- Figura 01 Mapa localizando a Comunidade Chico Gomes
- Figura 02 Mezinheiras e jovens do Grupo Urucongo de Artes
- Figura 03 Mezinheiras realizando uma oficina de Cartografia Social. Crato – CE
- Figura 04 Mezinheira da Comunidade Chico Gomes recebendo visitas de outras mezinheiras
- Figura 05 Produtos das mezinheiras para mostra e comercialização
- Figura 06 Dona Rina cuidando da horta medicinal

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1. CARIRI – UM TERRITÓRIO HISTÓRICO E RICO EM POSSIBILIDADES.....	14
CAPÍTULO 2. MEIZINHEIRAS: MULHERES CAMPONESAS QUE CUIDAM DA VIDA.....	17
CAPÍTULO 3 O DIÁLOGO ENTRE A EXPERIÊNCIA E OS SABERES.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

## INTRODUÇÃO

Conclui o mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural, na Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais, há quase vinte anos. Desde então, trabalho como assessora de projetos sociais no Estado do Ceará, sendo parte da equipe da Cáritas<sup>1</sup> e, considerando ainda minha paixão por pesquisas, senti-me convocada a fazer essa jornada de aprendizados no Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, coordenado pela Fiocruz- Ceará.

Nos últimos anos a Cáritas proporcionou-me aproximação com as metodologias da Educação Popular, as quais eu buscava utilizar nos processos de intervenção, porém, sem muita apropriação das bases teóricas. Foi quando mergulhei no universo da pedagogia freiriana, em diálogo com as iniciativas de economia solidária.

Além das experiências com metodologias participativas nos grupos de produção de mulheres, homens, pessoas idosas e jovens, as assessorias técnico-pedagógicas a esses grupos solidários, também bebiam da fonte da educação popular, com uma abordagem mais assertiva e contextualizada às realidades daquelas pessoas. O dia a dia de uma assessoria em projetos sociais é bastante tomado por tarefas profissionais e, ao mesmo tempo, de militância. Assim, o tempo é bastante preenchido. Tudo é urgente, quando estamos atentos/as ao contexto de uma maioria da população em situação de empobrecimento econômico e exclusão social. Então, não foi fácil decidir me aventurar nesse projeto. O risco de não concluir o Curso de Especialização era/foi muito alto.

O tratamento de um quadro depressivo foi motivo para tornar o risco mais intenso. A abordagem do conteúdo e os trabalhos em campo eram totalmente voltados ao cuidado e fortalecimento de cada educando, de forma coletiva e altruísta, mas, em função do quadro de depressão agravado, ao mesmo tempo em que experimentei com imensa gratidão os momentos de cura, lamentei os momentos de medo em não corresponder às expectativas. Foi um tempo de muitos aprendizados a partir de minha própria doença, inclusive. Contei com apoio irrestrito da coordenação do curso, de minha orientadora, de pessoas da comunidade pesquisada, de pessoas do trabalho e de minha família.

A inspiração nos feitos daquelas mulheres e das pessoas da comunidade rural trouxe-me a motivação necessária à arte de escrever alguns aprendizados e questões a serem

---

<sup>1</sup>Cáritas é uma entidade internacional de cunho religioso de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Atua em diversas realidades e no espaço agrário presta serviços aos agricultores. No Cariri, há a Cáritas Diocesana do Crato.

refletidas, não apenas por mim, mas por todas/os que sonham com o mundo melhor. Este mundo diferente, inspirado no Bem Viver<sup>2</sup>, é balizado por princípios e valores ancestrais, que são retomados por grupos e movimentos atuais para salvar a Mãe Terra dos efeitos catastróficos da intervenção humana visando a exploração e o lucro a quaisquer custos.

O Brasil teve pouco mais de uma década de muitos avanços na garantia de programas e projetos governamentais para as populações historicamente excluídas, como agricultores/as familiares, quilombolas, indígenas, catadores/as de materiais recicláveis, produtores/as solidários/as, mulheres e jovens.

Esse período que foi dos anos 2003 a 2015, foi onde o País saiu do mapa da fome da ONU, devido aos programas de alimentação escolar, fortalecimento da agricultura familiar camponesa, aumento da renda dos mais empobrecidos e reestruturação dos Conselhos de Segurança Alimentar e Nutricional. Foram anos férteis para a retomada dos grupos de produção solidária, das pequenas cooperativas de produtores/as, das associações comunitárias e outras formas de organização que proliferaram com o fomento e assessoramento das entidades de apoio. Houve uma gama de programas de governo executados pelas organizações da sociedade civil, que estavam mais próximas às realidades locais e possuíam estruturas de gestão desburocratizadas.

No Cariri cearense, muitas comunidades foram beneficiadas com tecnologias sociais de captação de água da chuva, quintais produtivos, energia elétrica, energia solar, casas de sementes comunitárias, formação para gerenciamento dos recursos hídricos, manejo agroecológico, farmácia viva, comunicação social, artes, dentre outros. Neste cenário, especificamente no município de Crato, foi criado o Grupo *Meizinheiras do Pé de Serra*, do qual fazem parte as meizinheiras da comunidade Chico Gomes, participantes deste estudo. Como as muitas Marias que habitam o semiárido brasileiro, são mulheres empoderadas que cuidam de seus lares e de nossa casa comum, a Mãe Terra.

O objetivo geral do presente trabalho é refletir sobre como as meizinheiras da Comunidade Chico Gomes vivenciam e expressam os princípios da Convivência com o Semiárido, Economia Popular Solidária e Práticas de Cuidado em Saúde Popular.

---

<sup>2</sup>O que comumente temos entendido como Bem Viver nos foi apresentado pelo ideólogo, político e economista equatoriano Alberto Acosta. Mais do que conceitos ou teorias, o Bem Viver sintetiza vivências e surge a partir das comunidades indígenas, nutrindo-se de seus valores, de suas experiências e, sobretudo de suas múltiplas práticas. Não provém da academia ou de algum partido político. Na medida em que promove a vida em harmonia dos seres humanos vivendo em comunidade e destas vivendo em harmonia com a natureza, nos oferece há centenas de anos uma série de lições de como se poderiam imaginar outros mundos em que caibam todos os mundos, sempre assegurando a justiça social e a justiça ecológica (ACOSTA, 2016).

Interessa-me compreender como aconteceu a construção da identidade do Território, aqui visto como a Comunidade, a partir do olhar da Convivência com o Semiárido; identificar a vivência dos princípios de uma Economia Popular Solidária no Grupo das Meizinheiras; e, sistematizar a atuação das meizinheiras com as Práticas de Cuidado em Saúde Popular. Estes são os objetivos específicos do presente estudo.

A importância deste estudo consiste em tornar mais acessível a pesquisadores/as, educadores/as populares e a gestores/as públicos as contribuições desse grupo de meizinheiras para a melhoria de vida dos territórios onde vivem e até mesmo serem replicadas para outros territórios. Importa-me mostrar os resultados de uma atuação que parte da comunidade e se estende a outros coletivos, perpassando espaços de trocas de saberes populares, ancestrais, e de espaços de proposição de políticas públicas de convivência com o semiárido, economia solidária e saúde popular entre outros.

O relato de experiência teve por base os princípios da educação popular<sup>3</sup>, que prima pelo diálogo e busca tornar as pessoas sujeitos da transformação social. Busquei, nos primeiros passos, a escuta atenta às pessoas envolvidas na experiência, em especial as meizinheiras, que com muita espontaneidade e boa vontade, narravam suas práticas de cuidados e produção das mezinhas, suas caminhadas pelos espaços de trocas de saberes e seus sonhos. Através da oralidade repassam os conhecimentos e práticas ancestrais, o que é comprovado na Cartilha Meizinheiras do Pé de Serra:

Memória e inteligência estavam intimamente ligadas, sendo os anciões os mais sábios pelo fato de possuírem um maior conhecimento acumulado. Muitas comunidades ainda hoje vivenciam essa lógica e as pessoas mais velhas dessas localidades guardam um saber que foi consruído ao longo de várias gerações. A oralidade é o instrumento de transmissão do conhecimento utilizado pelas mulheres meizinheiras e as palavras delas, por trazerem essa construção milenar, nos serviram como placas que indicam o caminho ao qual devemos seguir para vivermos em uma terra sem males e construir uma concepção ampla do que seja saúde (LEITE, 2014, p. 14).

O percurso metodológico desse trabalho, planejado inicialmente, sofreu algumas alterações, dadas as limitações com minha saúde e posteriormente com a chegada da pandemia de COVID – 19, que impossibilitou por meses por meses os deslocamentos entre municípios no Estado. Em diálogo com minha orientadora e com as coordenadoras do Curso, optei por ampliar a consulta a fontes de informações sobre o território e a experiência

---

<sup>3</sup>Educação Popular é compreendida como uma perspectiva teórica orientada para a prática educativa e o trabalho social emancipatórios, intencionalmente direcionada à promoção da autonomia das pessoas, à formação da consciência crítica, à cidadania participativa e à superação das desigualdades sociais.

estudada: pesquisas publicadas, artigos, livros, cartilhas, vídeos, literatura de cordel, poesia, projetos e planos de ação. Outra fase, anteriormente executada, consistiu em duas visitas para diálogos com as mezinheiras e filhas/os, utilizando-se em alguns momentos uma entrevista semiestruturada, além de momentos de visita a alguns lugares da comunidade que são importantes para elas, a exemplo dos quintais produtivos e do Ponto de Saúde. As entrevistas com agentes da Cáritas Diocesana de Crato previstas no processo de sistematização aconteceram posteriormente às visitas à comunidade, de forma virtual. A terceira fase consistiu na organização dos dados obtidos, reflexão dos mesmos, com apoio de bases de conhecimentos em convivência com o semiárido, economia solidária e saúde popular. Após isso, veio a fase de sistematização do presente estudo e a escrita.

Por fim, apresento a estrutura do texto. Nesta introdução, apresento brevemente os eixos principais da pesquisa e as motivações que me levaram a realizar essa pesquisa. No capítulo 1. Cariri – Um território histórico e rico em possibilidades, ilustro as principais características da região do Cariri, onde está inserido o Grupo das Mezinheiras da Comunidade Chico Gomes. No capítulo 2. Mezinheiras: mulheres camponesas que cuidam da vida, primo por resgatar as falas das mezinheiras, bem como de seus filhos e filhas, de agentes da Cáritas Diocesana de Crato. No capítulo 3. O diálogo entre a experiência e os saberes, ilustro as relações entre as construções em torno da Economia Popular Solidária, Convivência com o Semiárido e Saúde Popular com a experiência do Grupo. Finalizando o texto, trago algumas considerações finais, frutos dos aprendizados e reflexões coletivas e individuais. Boa leitura!

## 1. CARIRI – UM TERRITÓRIO HISTÓRICO E RICO EM POSSIBILIDADES

A Região Cariri compreende os Estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco. A origem do nome vem dos índios *Kariri* que, em maior número, habitaram a Região até o século XVII. Os portugueses chegaram ao interior do Brasil. Caravanas compostas por militares e religiosos estudaram a região e concluíram que havia ouro, gerando a criação a divisão de sesmarias e exploração do metal precioso nas ribanceiras do Rio Salgado. Os religiosos colocaram em prática seus planos de catequização dos índios.

Como podemos observar, os índios foram aldeados no local onde se chama Missão do Miranda, que depois se tornou a Vila Real do Crato e hoje a cidade do Crato. Os missionários tinham o intuito de trazer a “fé e os elementos do progresso”, vinham de Pernambuco (ALEXANDRE e ARAÚJO, 2014, p.7).

Nos séculos seguintes, invasores e colonos vindos da Bahia, Sergipe e sertões de Pernambuco chegaram à região na época que ficou conhecida como ciclo da civilização do couro. Era comum a passagem de rebanhos bovinos dos estados próximos, em busca de novos pastos. A história relata os intensos conflitos entre sertanejos e os indígenas, que em parte foram dizimados ou levados às “vilas de índios mansos” da Capitania do Ceará, como Caucaia, Messejana, Parangaba e Crato.

Felizmente, uma pequena parte do povo *Kariri* permaneceu na região, alguns se refugiando na Chapada do Araripe. Alguns grupos de pesquisa buscaram identificar remanescentes de povos indígenas e identificaram, por autor-reconhecimento, 50 famílias descendentes dos índios Karirique vivem atualmente no Sítio Poço Danta, a 25 quilômetros do Crato. Essas famílias resgatam e preservam as origens indígenas e lutam por seus direitos, como tantos outros povos espalhados no Brasil.

Esta comunidade ainda mantém hábitos semelhantes aos de seus ancestrais, eles vivem da pesca tradicional no Açude Thomás Osterne e da agricultura de subsistência, sendo que o milho continua como base da alimentação. Produzem também objetos de cipó (cestos, balaios), utensílios de barro (potes, panelas) e remédios tradicionais utilizados em seu dia-a-dia. Muitos deles, derivados da imburana, da quinaquina, do alecrim, da malva-corama, da erva cidreira, entre outras espécies (PDRSS, 2010, p. 22).

O Cariri cearense possuía na segundo metade do século XIX condições climáticas e geográficas bastante favoráveis à agroindústria canavieira, por ter uma grande porção de terras em áreas de brejo, incluindo parte da encosta da Chapada. Assim, muitos engenhos foram construídos na região, fornecendo rapadura e aguardente para outras regiões e para

consumo interno, até o momento em que as usinas começaram a competir com as fazendas de engenho. A partir de então, as culturas foram se diversificando.

Essa monocultura começa a entrar em declínio na década de 70 e 80 do século XX, e muitos produtores acharam mais compensador a comercialização do produto *in natura*, devido ao excesso de produção, falta de mercado, armazenamento, fatos que ocorreram neste período (ARAÚJO, 2016, P. 59).

Desde 1946, o Cariri cearense está situado numa área de preservação ambiental, denominada Floresta Nacional do Araripe (FLONA-Araripe)<sup>4</sup>. A palavra Araripe tem origem indígena e, em tupi significa lugar de araras. Esta espécie foi praticamente extinta por lá. As terras da Chapada são compostas por solos considerados de boa fertilidade e abrigam espécies vegetais de médio porte como murici, pequi, jatobá, pau terra, aroeira, pau-d'arco, dentre outras. A precipitação pluviométrica é considerada elevada, podendo chegar a 1.000 mm no ano. Seu clima é considerado subúmido.

De acordo com o perfil das populações que habitam o meio rural da reserva, traçado pelo Instituto Chico Mendes<sup>5</sup>, agricultores/as familiares obtêm sua renda através da produção das culturas de subsistência, do extrativismo vegetal, da criação de animais de pequeno porte (galinhas, cabras, ovelhas, suínos), dos programas de transferência de renda e aposentadorias. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), no ano 2015 137.873 famílias eram beneficiárias do programa Bolsa Família e destas, 14.153 estavam no município de Crato. As tradições da religiosidade e cultura popular são bastante fortes e tem traços característicos da religiosidade, das culturas indígenas, europeias e africanas. Nos dias atuais são comuns os reisados, procissões, novenas de maio, festas juninas, malhação de Judas, rodas de coco, brincadeiras de roda, etc.

Nas últimas décadas, a Região do Cariri enfrenta desafios como o crescente desmatamento em função de queimadas e outros métodos, e o manejo inadequado dos solos, com uso de agrotóxicos e métodos de cultivos convencionais. Fauna e flora são ameaçadas de extinção ou já foram extintas, ao longo dos anos. A especulação imobiliária e a concentração

---

<sup>4</sup>A Flona (floresta) Araripe foi a primeira floresta nacional criada no território brasileiro e é um dos últimos redutos da mata atlântica. Ocupa uma área de 38.919,47 hectares, que atravessa a fronteira do Ceará com Pernambuco e abrange partes dos municípios cearenses de Crato, Barbalha, Santana do Cariri, Jardim e Missão Velha (ARAÚJO, 2016, P. 60). Atualmente é administrada pelo Instituto Chico Mendes.

<sup>5</sup>O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade é uma autarquia criada pela Lei 11.516 do dia 28 de agosto de 2007, vinculado ao ICMBio - Ministério do Meio Ambiente. Integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente. Seu papel é executar as ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as Unidades de Conservação instituídas pela União; bem como fomentar e executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental para a proteção das Unidades de Conservação federais.

fundiária ainda deixam milhares de pequenos agricultores/as excluídos/as do acesso à terra para produzir e viver.

A maioria vive em terras de fazendeiros, na condição de posseiros, meeiros e moradores. O Plano de Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário do Território Cariri aponta que em 2009 havia 52.030 estabelecimentos da agricultura familiar que detinham uma área de 399.639 hectares. Já agricultura considerada não familiar apresentava o número de apenas 5.463 estabelecimentos, com área total de 353.631 hectares.

No entanto, a agricultura familiar camponesa, a comunidade de indígenas e as comunidades quilombolas foram beneficiadas com programas dos governos federal (nas gestões de Lula e Dilma) e estadual nas últimas duas décadas e praticam o manejo agroecológico nas terras onde vivem e produzem. Tais programas e projetos foram frutos de bandeiras de lutas dos movimentos sociais, entidades de apoio e dessas populações.

Pesquisas realizadas pelo Instituto Chico Mendes e a Associação Cristã de Base<sup>6</sup> apontam que as famílias que vivem na região da Chapada do Araripe cultivam plantas medicinais ou coletam na floresta local, utilizando-as na preparação de remédios caseiros. A pesquisa aponta que a crença na eficácia dos remédios naturais é bastante elevada entre os moradores, chegando a mais de 90% o percentual daqueles/as que usam e confiam nesses medicamentos. Segundo Araújo (2016), a proximidade com a vegetação local e as dificuldades no acesso ao sistema de saúde são elementos que favorecem tais práticas.

Dentre as centenas de comunidades que desenvolvem ações de convivência com o semiárido, economia solidária e saúde popular, a Comunidade Chico Gomes tem uma experiência peculiar, pois abrange um leque amplo de práticas culturais e socioeconômicas. Uma delas é vivenciada por um grupo de mulheres agricultoras, mães, esposas e cuidadoras da saúde das pessoas que acreditam na medicina popular.

---

<sup>6</sup>A Associação Cristã de Base (ACB) foi fundada em 04 de julho de 1982 e foi pioneira no debate e na implementação dos sistemas agroflorestais na região do Cariri. Junto com as famílias rurais desenvolve ações sustentáveis de combate a desertificação e de convivência com o semiárido, prestando serviços de assessoria à organizações sindicais e comunitárias.

## 2. MEIZINHEIRAS: MULHERES CAMPONESAS QUE CUIDAM DA VIDA

### O canto das Meizinheiras Seu Doutor

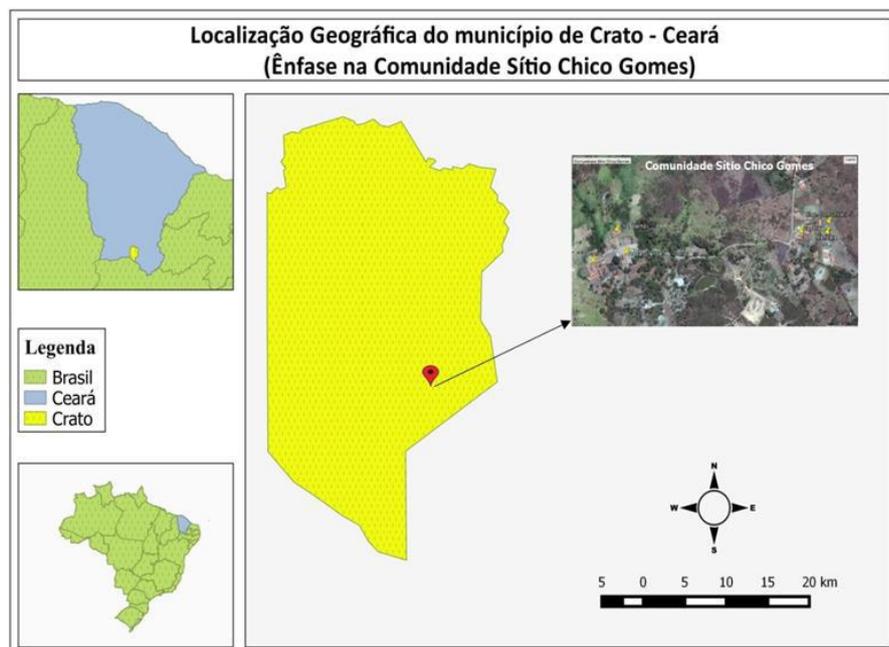
*Seu Doutor*  
*Seu Doutor*  
*Cheguei pra me receitar*  
*Seu Doutor*  
*Seu Doutor*  
*Cheguei com dor de barriga*  
*Uma caganeira de estrelar*  
*Seu Doutor*  
*Seu Doutor*  
*Só porque não tem dinheiro*  
*Eu tenho que esperar*  
*Passa o nove, passa o dez*  
*Eo tempo se passando*  
*Terminei foi me cagando*  
*Seu Doutor*  
*Seu Doutor*  
*Tomando chá de erva cidreira*  
*Papaconha e camomila*  
*Foi se embora a caganeira*  
*Passando a dor de barriga*  
*Tomando chá de embiriba*  
*Seu Doutor*  
*Seu Doutor*  
*Boa tarde minha gente*  
*Cheguei pra me receitar*  
*Perguntei pelo Doutor*  
*Ele disse não vem cá*  
*Cheguei a passar mal*  
*Me mandaram me deitar*  
*Quando comecei a morrer*  
*Mandaram meencaicar*  
*Seu Doutor*  
*Seu Doutor*  
*Tomando chá de cidreira*  
*Papaconha e Camomila*  
*Foi se embora a caganeira*  
*Passando a dor de barriga*  
*Tomando chá de embiriba*  
*Seu Doutor*  
*Seu Doutor*  
*E viva a saúde*

(Música: Edite, Raimundinha, Maria Zenaide)

A Comunidade Chico Gomes fica encrava na Chapada do Araripe, no município de Crato, estado do Ceará. Do centro da cidade até a comunidade, são oito km de distância. Mesmo sendo uma comunidade de moradores/as, sem acesso à terra, essa comunidade é

reconhecida no Cariri cearense e para além dele por representar experiências camponesas que resistem ao processo de modernização agrícola, pois têm uma forte sustentação em suas raízes ancestrais, com forte herança dos índios *Karirí* dos escravos dos engenhos de cana, no modo de ser e viver do campesinato. Desta forma, Chico Gomes, apesar de ser oficialmente um sítio, uma propriedade privada, se aproxima das comunidades e unidades produtivas agroecológicas, tão importantes na história atual do planeta, que grita pelo cuidado essencial com nossa Mãe Terra –Pacha Mama.

Figura 01 – Mapa localizando a Comunidade Chico Gomes



Fonte: MMA Base de Dados Geográficos (2007); Elaborado por Silva (2016).

No dia a dia das 47 famílias do Chico Gomes, vemos crianças e jovens indo à escola, agricultores/as cultivando sem uso de agrotóxicos e adubos químicos seus roçados temporários de feijão, milho e mandioca, mulheres cuidando das hortas nos quintais, de onde vêm hortaliças para a alimentação e as plantas medicinais para a produção de mezinhas, popularmente conhecidas como remédios caseiros. Os agricultores e agricultoras também criam pequenos animais, como porcos, galinhas, cabras e ovelhas. Alguns vão trabalhar para o dono do sítio, cuidando de bovinos. Há ainda homens e mulheres que saem para trabalharem na indústria de calçados, no comércio da cidade, nos serviços de educação e saúde. As pessoas idosas vão à cidade do Crato, ao menos uma vez por mês, para receber seus benefícios advindos dos programas de transferência de renda do governo e fazer compras.

Se passearmos pela comunidade durante alguns meses, veremos mulheres coletando nas matas cascas, raízes, folhas e sementes de aroeira, angico, eucalipto, jurema-preta, dentre outras, para a produção de mezinhas. Então, presenciaremos a comercialização e as trocas de remédios naturais, as rezas para cura de doenças, os encontros diversos. Poder-se-á se juntar à juventude no cuidado com a mandala de produção agroecológica e os veremos animando os festejos de santo, os reisados, as quadrilhas juninas, as brincadeiras das crianças.

Poderemos ouvir as histórias sobre as forças vivas da Comunidade Chico Gomes nestes últimos anos, como: o Grupo Urucongo de Artes, formado por jovens que promovem as quadrilhas juninas, os cocos, as brincadeiras com as crianças, peças de teatro, rodas de poesia, debatem políticas públicas, elaboram e executam projetos para a comunidade; as Meizinheiras do Grupo Pé de Serra, que conheceremos nessa narrativa; a Associação de Moradores do Sítio Francisco Gomes, que reúne as famílias para debater e encaminhar questões da comunidade, junto ao poder público e parceiros; a Casa de Sementes Chico de Avelina, que reúne os guardiões e as guardiãs de sementes crioulas; e a mais recente força que é o Ponto de Saúde, um espaço para a integração de cuidadoras/es e pessoas que buscam cuidados com a saúde.

## **2.1. Como o Grupo das Meizinheiras teve início**

Um grupo de jovens da comunidade, ligados à Igreja, às pastorais sociais e ao movimento estudantil levou a história (a experiência) de sua comunidade para os espaços de militância, para o meio acadêmico, dos movimentos sociais e das entidades de apoio e fomento. Assim, num movimento de dentro para fora e vice-versa, as pessoas puderam se identificar com as práticas sociais de construção da convivência com o semiárido, economia solidária, agroecologia, saúde popular, por fim, com uma sociedade do Bem Viver, lá no Chico Gomes.

Esse grupo, denominado Grupo Urucongo de Artes, inspirou as mães de alguns jovens, em especial aquelas de idade mais avançada, com os filhos/as criados/as, a buscarem uma forma de se organizarem em torno de uma atividade comum. Dessa forma, preencheriam mais o tempo que agora estava um pouco ocioso.

Figura 02 – Meizinheiras e jovens do Grupo Urucongo de Artes



FONTE: Silva, Rosely, ano: 2019

Isso ocorreu no ano de 2011 e, na primeira reunião do grupo, refletiram sobre quais as atividades que lhes eram comuns e definiram que iriam fortalecer coletivamente as práticas ensinadas por suas avós, tias, mães, sogras que eram passadas há décadas, de geração a geração. Decidiram criar o Grupo Meizinheiras do Pé de Serra, integrando mulheres de outras duas comunidades do Crato. Em comum elas tinham a força da mulher, mãe, filhas e netas de meizinheiras, rezadeiras ou parteiras, que se dedicavam à promoção da saúde em suas casas e em suas comunidades.

A Cáritas nos últimos anos faz assessoria à comunidades, rurais e urbanas, buscando favorecer um leque de iniciativas locais que possibilitem no longo prazo a sustentabilidade das mesmas. Assim acontece com a Comunidade Chico Gomes e com o grupo das meizinheiras, muito importante para a entidade. Uma peculiaridade, é que dois agentes da Cáritas Diocesana de Crato são filhos de meizinheiras e vivem na comunidade. Um dia, foram parte do público atendido e agora atuam enquanto profissionais nessa comunidade e em outras do território. Eles também fazem parte de grupo pastoral, participam de movimento sindical, do GRUNEC (Grupo Negro do Cariri), e tantos outros espaços de militância. São pessoas que concluíram o ensino superior, identificadas com as lutas sociais e

com a comunidade, que hoje trabalham em prol das comunidades como um todo. Estes agentes fazem parte também do Grupo Urucongo de Artes e da Associação Comunitária.

Com apoio da Cáritas Diocesana de Crato, tiveram um projeto apoiado pela Campanha da Fraternidade no ano 2012, cuja temática era Fraternidade e Saúde Pública. Neste momento o Grupo Meizinheiras do Pé da Serra estava composto por 18 mulheres, das comunidades Chico Gomes, Batateiras e Jenipapo. Desta forma, puderam realizar seus encontros de formação, as oficinas de melhoria nos produtos e sistematizar a experiência em cartilha e vídeo. Tronaram-se conhecidas no país através da rede Cáritas, Rede de Educação Cidadã, Rede de Educação Popular em Saúde, Articulação Semiárido Brasileiro, Rede de Economia Solidária, só para citar algumas das inúmeras articulações que hoje reconhecem a importância do grupo e de suas práticas.

## **2.2. Mulheres, mães, avós, agricultoras, produtoras de mezinhas, cuidadoras...**

Dona Rina (71 anos), Dona Penha (66 anos) e Dona Iraci (70 anos), as meizinheiras do Chico Gomes que atualmente dão vida ao grupo, trocam experiências entre si, produzem coletivamente sabonetes medicinais, participam de cursos de formação técnica e política, ministram oficinas de formação, recebem visitas de intercâmbio, contribuem na elaboração de projetos de melhorias para a comunidade e refletem as políticas públicas de saúde. São ao mesmo tempo, educandas e educadoras. Ensinam o que praticam hoje e o que aprenderam ao longo de muitos anos. Orgulhosa, a filha de Dona Rina, Teresinha, falou o seguinte:

Elas participaram de vários encontros, de oficinas de formação e hoje são convidadas para ministrarem oficinas, com a partilha de seus saberes. Há quinze dias do momento da entrevista, tinham recebido um grupo de Juazeiro do Norte. Elas participam de encontros em vários lugares. Ela fala: “antes do grupo eu era Rinrin, agora sou D. Rina”.Então foi um novo sentido para sua vida. Ela tem uma visão de mundo que vai muito além da nossa. Ela diz que não sabe ler e tem inveja de quem sabe, mas não sabe ela que a sua sabedoria é maior que a nossa. É adquirido através de sua vivência (e dos ancestrais) e vão além do saber científico (Teresinha).

Por ocasião da visita às meizinheiras para uma conversa individual, tive a alegria de ser conduzida por Rosely e conversar também com outras filhas e filhos. Nas cozinhas de Dona Rina e de Dona Iraci, fui privilegiada em ouvir os relatos dessas mulheres e de suas filhas, que, enquanto dividiam entre si a tarefa de preparo do almoço, pararam para relatar e dialogar sobre seus ofícios de meizinheiras e cuidadoras.

Dona Rina se ocupava muito dos afazeres domésticos e com o falecimento do esposo há mais ou menos 15 anos (doença de chagas) ela teve depressão. As mães dos jovens passaram a acompanhar as apresentações do grupo de quadrilha, do grupo Urucongo de artes e criaram o grupo das meizinheiras. Então foi um novo sentido para sua vida.

Figura 03 – Meizinheiras realizando uma oficina de Cartografia Social. Crato – CE



FONTE: Acervo próprio, 2019.

No terreiro frontal de Dona Peinha, enquanto ela relatava alegremente como dividiam e realizam os preparos das meizinhas, eu podia visualizar algumas das plantas medicinais, que por vezes, ela me levava para ver de perto. No momento de nossa conversa, sua nora veio pedir uma meizinha para curar o filho e D. Peinha percebendo a tosse de Rosely, lhe recomendou o uso de hortelã. São atitudes corajosas e poderosas, certamente herdada de suas ancestrais, de uma mulher que está atenta ao cuidado de pessoas adoecidas, a qualquer momento. Sobre isso, Dona Iraci também relatou o seguinte:

Acho ruim não atender bem as pessoas. Quando o médico atende mal um paciente, aquilo é uma pancada. Mesmo que chegue uma pessoa que não está agendada, eu digo sente, espere um pouco, que eu atendo.

Elas produzem uma variedade de coisas, desde pomadas, garrafadas, lambedouros, unguentos de plantas, até sabonetes medicinais. Receitam chás, infusões e uso de partes das plantas para curar doenças das pessoas que as procuram. As principais plantas

usadas, extraídas na própria comunidade ou compradas no mercado do Crato são aroeira, angico, muçambê, jatobá, alecrim, alecrim pimenta, babosa, arruda, boldo, malva do reino, erva cidreira, hortelã, manjeriço, ipecacuanha, colônia, anador, gengibre, macela, abacate, laranja e capim santo. Coletivamente produzem sabonetes, lambedouros e pomadas; os demais produtos são feitos individualmente e comercializado de forma coletiva.

### **2.3. Algumas de suas conquistas e sonhos**

Recentemente, talvez uma das maiores conquistas para a comunidade, também passaram pelo olhar atencioso das mezinheiras da comunidade Chico Gomes. Um apoio financeiro para a construção de um Ponto de Saúde, agregado ao espaço coletivo já existente, com a casa de sementes e o ponto de cultura, próximo à mandala agroecológica. Foi a conquista de um sonho antigo, sobre o qual falou Rosely, filha de Dona Iraci e aprendiz de mezinheira:

A partir da organização é que a gente conseguiu várias coisas. A comunidade passou a ser reconhecida como comunidade cuidadora, a partir do trabalho das mezinheiras. O empoderamento das mulheres, para inspirar outras. Foram contempladas como prêmio Culturas Populares, que viabilizou a construção do ponto de saúde, que é um espaço para realização das reuniões, oficinas, intercâmbios, atendimento que estamos em processo de organização para oferecer esse serviço à comunidade. Então, as contribuições são muito grandes, já foram inscritos trabalhos sobre a organização delas.

Quem atua com saúde comunitária conhece a importância da articulação entre os saberes e práticas populares e o saber acadêmico contextualizado. Para as mezinheiras ter na comunidade um local para acolher o profissional do programa municipal de saúde, é essencial para dar dignidade à pessoa adoecida. Para que ela se sinta acolhida com atenção, segurança e respeito. Deste sonho cultivado por muitos corações, nasceu a ideia de construir um espaço de acolhida para cuidadores/as da saúde e equipe do Programa Saúde da Família. As mezinheiras conquistaram um prêmio de cultura e obtiveram o recurso para a construção de uma sala ao lado da Casa de Sementes Chico de Avelina.

O Ponto de Saúde está em processo de consolidação de uma dinâmica de funcionamento, de modo a articular as diferentes iniciativas que o rodeiam e dão sustento. As mezinheiras que atuaram na gestação do espaço, estão se organizando para fazerem atendimentos, colocarem seus produtos para a comercialização solidária e darem continuidade aos seus encontros formativos e reuniões.

Tenho meu sonho muito alto, é de ver o posto de saúde “saindo”. Lá é palha e com o tempo nós queremos forrar. A casa de sementes também precisa de uma reforma.

Ter um quarto só para guardar a bagunça. A gente quer ver crescer. Vamos comprar cadeira e algumas coisas que os médicos precisam. Não vamos poder comprar tudo, mas o mínimo necessário, como um lugar adequado onde as pessoas se sintam à vontade par falar durante a consulta (D. Iraci).

Ter a oportunidade de participar em espaços coletivos de debates sobre a saúde popular gerou muita satisfação para essas mulheres, que são expressas nas inúmeras vezes em que relatam, por exemplo, a participação no Encontro Saberes da Caatinga, em Exú, Pernambuco. Por três anos consecutivos estiveram presentes, levando suas mezinhas e receitas, além de histórias para partilharem com raizeiras/as, mezinheiras, parteiras e benzedeiros/os que se reúnem para fortalecer sua cultura e as práticas de saúde popular. Na própria comunidade, já acolheram inúmeras visitas e encontros de intercâmbio de experiências, onde atuam com muita maestria, envolvendo a atenção das pessoas presentes. Desta forma, sem muita pretensão, vão tecendo laços e fios de uma grande teia de pessoas que cuidam da vida do planeta.

Figura 04 – Mezinheira da Comunidade Chico Gomes recebendo visitas de outras mezinheiras



FONTE: Cáritas Diocesana de Crato, 2020

### 3. O DIÁLOGO ENTRE A EXPERIÊNCIA E OS SABERES

*Ajudar-se mutuamente  
Não é coisa do passado  
Nem é moda do presente  
É energia de todo o sempre  
Necessita renovar-se  
Valorizar-se sem medo,  
Viver com alegria*

*Comprar na comunidade  
 O que ela mesma produz  
 Com menor esforço  
 Acender outras luzes  
 Prepara-te para viver bem  
 Com tudo que tens direito  
 Mantendo responsabilidade  
 Sempre terás respeito  
 Você é o que pensa ser  
 Se acreditares no que faz  
 Vai em frente  
 O sucesso é permanente  
 Na economia solidária  
 A gente fortalece o grupo  
 Não para ajudar ninguém  
 E sim para crescermos juntos*  
 (Economia Solidária – Reginaldo Figueiredo)

### 3.1. Outra Economia Acontece

A Economia Popular Solidária é um dos programas estruturantes da ação da Cáritas Brasileira desde a década de 1990. A Entidade foi uma das pioneiras na retomada do que conhecemos hoje por Economia Solidária, cujas práticas de trabalho associativo e cooperativo haviam chegado ao país com a imigração italiana, no início do século. Além disso, os gestos comunitários de partilha de alimentos, divisão de bens e trabalhos em mutirão, também são descritos desde os tempos bíblicos.

Com a crise social das décadas perdidas de 1980 e 1990, em que o país se desindustrializou, milhões de postos de trabalho foram perdidos, acarretando desemprego em massa e acentuada exclusão social, a economia solidária reviveu no Brasil. Ela assumiu em geral a forma de cooperativa ou associação produtiva (SINGER, 2020, P. 122).

A década de 1980 foi fértil para o surgimento de organizações comunitárias no campo e na cidade, encorajadas pelas organizações sindicais, igrejas e Organizações Não Governamentais (ONG's) recém criadas. As Pastorais Sociais, Cáritas e CPT eram os principais braços da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para a atuação social e se inspiravam na Teologia da Libertação e Doutrina Social da Igreja<sup>7</sup>. A Cáritas apoiou em muitas regiões do Brasil, em especial no Nordeste, milhares de pequenos projetos denominados Projetos Alternativos Comunitários, que deram origem a muitos grupos formais

---

<sup>7</sup>A Teologia da Libertação emergiu do bojo de movimentos, por um lado político e por outro lado eclesial, mundial e latino-americano. Ela se propôs pensar as práticas eclesiais e políticas em curso à luz da Palavra da Revelação (BOOF, 2011). A Doutrina Social da Igreja é um conjunto de encíclicas e pronunciamentos de alguns Papas, que tratam sobre a dignidade humana e a vida em sociedade, tendo inspirado muitas Pastorais e Organismos da Igreja que lutam pelos direitos humanos.

ou informais de economia solidária. Seus objetivos eram gerar renda e trabalho de forma associada para as famílias em situação de vulnerabilidade. No Nordeste, foi importante instrumento para diminuir o êxodo rural nos períodos de secas. A ação era permeada por formação humana, organizativa e política dos grupos apoiados e eram realizados em parceria com os Sindicatos Rurais, Movimento de Educação de Base (MEB), Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), outras pastorais e ONG's.

A economia popular solidária se contrapõe à economia capitalista, pois não aceita a concentração dos meios de produção nas mãos de poucos empresários/as, que obtêm lucros a partir da exploração de trabalhadores/as, não tolera uma educação cujo objetivo maior é levar as pessoas à competição, condena a exploração indefinida dos recursos naturais e relações desiguais de poder entre os gêneros. Os pensadores utópicos clássicos conceberam a economia solidária como uma nova sociedade que unisse a forma de produção industrial com a organização da vida comunitária, aproximando-a assim do socialismo.

A Cáritas compreende a economia popular solidária como um modo de vida e de organização das atividades produtivas de forma cooperada, autogestionária, com justa distribuição da renda gerada, com relações de confiança entre produtores/as e consumidores/as e com relações igualitárias de gênero, geração e etnia. A produção e consumo são pautados pelos princípios da agroecologia, integrando as populações do campo e cidade. Tem como eixo estruturante a educação emancipatória, formando cidadãos/ãs, gestores/as comprometidos com a construção de uma sociedade do Bem Viver. Sua finalidade maior é ser uma economia a serviço da vida, atendendo às reais necessidades do ser humano e de nossa mãe terra.

Nessa última década, a Cáritas passou a planejar e atuar a partir dos territórios, embora os diversos grupos comunitários (associação de moradores/as, grupos de jovens, mulheres, etc) e as redes de produtores/as permanecessem como os sujeitos coletivos assessorados técnica e politicamente para planejar e agir com vistas a conquista de políticas públicas para os territórios. Foi um importante avanço tanto para o diálogo com as políticas públicas governamentais, quanto para o fortalecimento das identidades locais dos grupos de mulheres, jovens, indígenas, quilombolas, pescadores/as e ribeirinhos. As comunidades perceberam melhor suas problemáticas, olhando para as realidades próximas, construindo coletivamente a força necessária para uma incidência sociopolítica num espaço territorial.

As iniciativas da economia solidária nas comunidades e territórios, ao implementar o agir econômico com base na solidariedade, na confiança e em

torno de um bem comum, estão na contramão do padrão hegemônico. A relação como entorno que cerca os empreendimentos de economia solidária, seja em territórios rurais ou urbanos, vai favorecer o encontro de diversos atores sociais, o que é propício ao exercício da política como expressão da pluralidade e ao exercício das singularidades (MEDEIROS et, 2018, p.40).

As iniciativas de Economia Popular Solidária (EPS) mais presentes na atuação da Cáritas Diocesana de Crato junto com as famílias do Chico Gomes são a organização de grupos de produção solidária, tanto da juventude com atividades artístico-culturais, como com a produção agroecológica, a exemplo das meizinheiras.

O Grupo Meizinheiras do Pé de Serra nasceu como uma iniciativa de um coletivo de produtoras de mezinhas, mas tendo sua identidade mais ampla, de cuidadoras da Mãe Terra e promotoras da saúde das pessoas. Integraram-se às iniciativas de entidades de apoio, como a Cáritas, no campo da Economia Popular Solidária e de Convivência com o Semiárido, com foco na estratégia de empoderamento feminino.

A produção coletiva, um dos princípios chave da Economia Solidária, está bastante visível no grupo e se reflete nas suas práticas cotidianas para as demais dimensões de atuação. Estende-se aos espaços de formação, de trocas de saberes, de comercialização solidária, das celebrações. Sobre a organização e o trabalho coletivo, D. Peinha disse:

A gente combina o dia da produção coletiva que é feita numa tarde. A gente conversa e faz os sabonetes, na casa de Iraci. Passa a tarde produzindo. É muito bom nesse dia. Numa tarde a gente faz de 50 a 60 sabonetes. Quando é encomenda a gente faz logo o dela. Já temos essa compradora fixa, que é uma parteira. Os demais vendemos quando há procura. Quando calculamos o que gastamos, a gente diminui e divide ou compra mais matéria prima. As pomadas e lambedores são produzidas no coletivo e outras mezinhas por cada uma e vendidos junto. Fiquei responsável por comercializar nas feiras.

Figura 05 – Produtos das meizinheiras para mostra e comercialização



FONTE: Cáritas Diocesana de Crato, 2014.

As meizinheiras estão bastante presentes nas feiras de economia solidária e agricultura familiar, comercializando, trocando saberes e contatos. As feiras, mais que espaço específico para a comercialização, tem se configurado enquanto espaços estratégicos de formação, informação e luta por políticas públicas. A partir dos contatos nas feiras, nos meios de comunicação populares e em outros espaços de sociabilidade, alguns consumidores e consumidoras fazem pedidos e recebem em seus endereços.

Na medida em que o grupo de meizinheiras faz o planejamento da produção de forma coletiva, produz utilizando o manejo agroecológico, defende a democracia, tem seus espaços de formação e praticam a comercialização solidária, estão contribuindo para o exercício de uma economia diferente daquela praticada no sistema capitalista.

### 3.2 Com os Pés na Convivência como Semiárido

*Quero a certeza do trabalho,  
 água da chuva sobre o que eu espalho.  
 E nesse verde, ver meu chão,  
 eu quero é ser feliz no Semiárido.  
 Ai, Sertão! Ai, ser tão!  
 Absolutamente essa emoção.  
 Ai, ser tão! Ai, Sertão!  
 Viver e construir sobre esse chão.  
 (Ciranda do Semiárido – Gigi Castro)*

Durante décadas, o desconhecimento da complexidade do Semiárido brasileiro resultou na elaboração de programas governamentais e de práticas agropecuárias inadequadas, causando sérias perdas aos ecossistemas e acentuando o empobrecimento da grande maioria da população sertaneja. Além disso, a maioria dos recursos destinados aos programas de combate à seca acabava por beneficiar os grandes proprietários de terras. Porém, sabe-se que a seca é um fenômeno e, por isso, não pode ser combatida.

Hoje, as experiências de centenas de comunidades do semiárido, por exemplo, a do Chico Gomes, mostram que o Semiárido é uma região onde se aprende a *conviver* de forma sustentável com a seca, com as estiagens não prolongadas e com o inverno. Agricultores e agricultoras relatam os feitos dos programas de uma política de Convivência com o Semiárido construída em diálogo com eles/elas, com a sociedade civil organizada e muitas entidades de apoio.

Com uma dolorosa experiência das ações descontextualizadas, aprendeu-se que as obras hídricas devem ser pequenas e localizadas ao lado da casa dos camponeses e camponesas, homens, as mulheres e os jovens compõem o universo produtivo. A produção agroecológica é absolutamente possível e necessária para que a *Mãe Terra* continue existindo. Com olhar crítico para essa realidade, organizações da sociedade civil, de Igrejas, movimentos populares e sindicais, bem como alguns setores de instituições de ensino e pesquisa, escutaram a voz dos Povos do Semiárido. Inspiradas na pedagogia freiriana, deram magnitude a técnicas de captação de água da chuva em pequenos reservatórios familiares ou comunitários, dando início à elaboração do que viria a se tornar o Programa de Convivência com o Semiárido. Esta nova concepção de “desenvolvimento” sustentável solidário, de Bem Viver, ganhou mais vida através da Articulação Semiárido Brasileiro<sup>8</sup> e, a partir de 1999, a população do território passou a respirar uma atmosfera de possibilidades, de potencialidades e de transformações sociais.

A proposta de Convivência com o Semiárido, defendida e propagada pela ASA, se trata de um novo modelo de desenvolvimento rural, que gere segurança hídrica e alimentar para as famílias do semiárido brasileiro. Para tanto, busca uma nova relação entre Estado e Sociedade Civil, com participação cidadã e superação das práticas políticas clientelistas e

---

<sup>8</sup>A ASA é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas, o projeto político da Convivência com o Semiárido. Congrega mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas – sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG's, Oscip, etc., que atuam em todo o Semiárido defendendo os direitos dos povos e comunidades da região. - <https://www.asabrasil.org.br/>

assistencialistas. Pauta-se também em preceitos, valores e práticas da Agroecologia, da Economia Popular solidária, da Educação Contextualizada, da Comunicação Popular entre outras temáticas.

A trajetória da Rede Cáritas<sup>9</sup> com a promoção da Convivência com Semiárido vem da década de 1980, na época conhecida como uma das iniciativas de Economia Popular Solidária, que garantiam sementes e ferramentas para plantios de roçados coletivos, bem como formação para a organização comunitária. Era uma forma de mitigar o êxodo rural, em decorrência da seca do início daquela década. Na década de 1990, a Cooperação Internacional, em especial a Misereor, e o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) fomentaram projetos mais estruturantes, que apoiavam atividades como apicultura, piscicultura, horticultura, criação de pequenos animais, artesanato, casas de farinha, bancos de sementes, dentre outros. Nasceram, assim, as bases para a elaboração do Programa Nacional de Convivência com o Semiárido (PCSA), que se somou às outras iniciativas no conjunto da ASA. Um novo paradigma, o de convivência com a seca, com o semiárido, ganhou força desde então.

O semiárido brasileiro é um espaço vivo de experimentações que têm gerado diversas alternativas de convivência sustentável no âmbito da agricultura familiar. Nesse sentido, tem sido relevante a construção, apropriação e irradiação de diferentes tecnologias sociais no campo, as quais são resultado das vivências e experiências de agricultores/as e de suas organizações e movimentos, apoiados por ONG's e órgãos governamentais (NUNES, 2014, p.15).

As estratégias de uma atuação em redes, com parcerias afins, em especial com as pastorais sociais e movimentos populares, a formação sistemática para a Convivência com o Semiárido, a participação nos espaços de proposição de políticas públicas, a comunicação popular e a mobilização de recursos sempre foram levadas a sério e geraram muitos frutos para as comunidades.

Hoje a comunidade Chico Gomes é referência em Convivência com o Semiárido; conquistou novos projetos, passou a compor fóruns locais e Conselhos de Direitos; ampliou a presença das mulheres e jovens em suas ações; passou a ter alimentação de qualidade; conquistou infraestruturas familiares e coletivas; estão, também, em processo avançado de

---

<sup>9</sup>A Rede Cáritas Regional Ceará é composta por oito entidades-membro: Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza e Cáritas Diocesanas – de Crateús, Crato, Iguatu, Itapipoca, Limoeiro do Norte, Sobral e Tianguá – e por um Secretariado Regional. Atua com famílias rurais e urbanas, em vulnerabilidade e exclusão social. O papel das entidades-membro junto às comunidades é de mobilização social, articulação e assessoramento técnico, tornando viva a missão institucional.

transição agroecológica. Algumas das tecnologias sociais presentes na comunidade são: casa de sementes crioulas, mandala, hortas orgânicas e cisternas de placas.

Figura 06 – Dona Rina cuidando da horta medicinal



FONTE: Cariri Revista, 2019.

Como parte das atividades do Tempo Comunidade do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, foi realizada uma oficina de elaboração da Cartografia Social com as mezinheiras, tendo ficado muito evidente no mapa do território a existência de muitas fontes de água, que eram fortaleza e ao mesmo tempo uma fraqueza, por causa da degradação ambiental. No entanto, elas falavam com tristeza do quão importante essas fontes são para a manutenção da vegetação, das plantas medicinais, imprescindíveis às suas atividades de produção de meizinha. A preocupação é adicionada do cuidado com as fontes que se encontram nas proximidades de suas casas. Esse cuidado é uma iniciativa essencial na Convivência com o Semiárido.

As famílias das mezinheiras, assim como a quase totalidade das famílias do Chico Gomes, têm cisternas de placas que armazenam água captada da chuva para o consumo humano. Essa água é utilizada de modo planejado, permitindo que no tempo de estiagem tenham acesso à água ao lado de suas casas, numa infraestrutura hídrica que lhes pertence enquanto ali vivem, não ao dono da terra. Assim, essas famílias conquistaram autonomia em relação ao acesso à água para beber e cozinhar. As mulheres passaram a ter mais tempo para dedicar a outras atividades, inclusive, à produção das mezinhas.

Sobre a contribuição das mezinheiras da comunidade para a Convivência com o Semiárido, Manoel Leandro, filho de Dona Rina, relatou sobre a potencialidade que elas representam e exercem:

Elas têm o papel de ajudar a comunidade a entender a importância da preservação do meio ambiente e da natureza. Elas têm potencial para ajudar nessa discussão, e, da saúde popular na comunidade. Elas participam diretamente de todos os movimentos da comunidade. Elas são frequentadoras assíduas das reuniões da associação, participam da vida da comunidade, sejam nas novenas, nas discussões, elas são bem ativas. Ajuda a gente a entender a importância da organização, a partir da organização delas, que vão surgindo várias conquistas pessoais e coletivas, para a própria comunidade. Aí, as pessoas vão entendendo a importância de se organizarem.

### 3.3. Práticas Populares de Cuidado em Saúde

*“Cuidar é mais que um ato; é uma atitude”.*

(Leonardo Boff)

Diferente das iniciativas de Economia Popular Solidária e Convivência com o Semiárido, as práticas populares de saúde chegaram até a Cáritas a partir das iniciativas das populações dos territórios onde atuam. Em anos anteriores, quando a Entidade apoiava os projetos comunitários de hortas de plantas medicinais, de farmácias viva e as tecnologias sociais para o acesso à água de qualidade, não havia o olhar específico para a temática da saúde.

De certa forma, esse diálogo entre agroecologia e saúde é mais recente e vem ganhando mais espaço e esforços nos últimos anos no Brasil. Com a compreensão do desenvolvimento territorial, as reflexões sobre os malefícios dos agrotóxicos e transgênicos, com o avanço das políticas públicas de SAN e EduPopSUS, houve na Rede Cáritas Ceará o despertar para essa dimensão essencial ao Bem Viver. Isso se deu com apoio das parcerias e redes, em especial da RESSADH.

Atualmente, a Cáritas Regional Ceará e algumas Cáritas Diocesanas estão compreendendo melhor essa relação e ampliando as ações em torno das práticas de cuidado. O Grupo das Meizinheiras do Pé de Serra trouxe sua vasta vivência, ancorada na ancestralidade, para alimentar esse diálogo na Cáritas Brasileira.

Para as Meizinheiras, o significado de saúde vai além do uso de remédios e combate de doenças. É uma visão que contempla espiritualidade, cultura, alimentação, meio ambiente e infraestrutura (CÁRITAS DIOCESANA DE CRATO, 2014). Com a compreensão de que saúde é direito, aprenderam através das formações mediadas pela Cáritas Diocesana que é importante lutar por políticas públicas de saúde e bem viver para toda a população, em especial as socialmente excluídas.

Na compreensão de Leonardo Boff, saúde não é um estado, mas uma atitude pessoal frente aos desafios da vida, frente às doenças, inclusive; é encarar a vida como ela é: alegrias e tristezas, saudável e doentia, sucesso e fracasso. Assim, a cura virá através do cuidado com várias dimensões, por isso, as terapias alternativas usam várias técnicas que contém a dança, o teatro, a poesia, a medicação natural, a aromoterapia, musicoterapia, etc. As diversas formas de abordagem buscam reestabelecer o equilíbrio do corpo com as energias da Terra e do Cosmos.

A Lei Orgânica de Saúde reconheceu a necessidade de avançar no modo de compreender a saúde, antes vista hegemonicamente a partir do ponto de vista da biomedicina.

A Lei afirma que:

“A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer, o acesso a bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do país (Brasil, 1990, Art. 3).”

Segundo NESPOLI; LOPES (2016), diferente da medicina científica moderna, os saberes e as práticas tradicionais e populares de cuidado surgiram de forma espontânea, a partir de diferentes povos, culturas e grupos sociais. No Brasil, temos os povos indígenas, as comunidades quilombolas e as comunidades rurais camponesas, como fontes desse importante saber que é passado de geração a geração.

A Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS), institucionalizada no ano 2003, representou uma conquista e, ao mesmo tempo, um desafio: envolver os gestores, os profissionais de saúde e a sociedade em sua execução. Ali se deu um importante passo no sentido de promover um aparato para integrar, ampliar e diversificar as práticas em saúde, valorizando e acolhendo os modos populares e tradicionais de cuidado em saúde. Além disso, potencializou e ampliou a participação social, através dos conselhos e outros espaços de gestão compartilhada.

Em 2013, a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF), atualizada em 2014, incluindo os povos das águas, trouxe mais elementos à legislação brasileira que foram construídos com participação popular e animou ainda mais os processos de cuidados em saúde. Dentre seus objetivos, listo abaixo aqueles que, ao meu ver, estão relacionados a experiências como das mezinheiras do Chico Gomes:

... II – inclusão social, com garantia do acesso às ações e serviços do SUS, da promoção da integralidade da saúde e da atenção às especificidades de geração, raça/cor, gênero, etnia e orientação sexual das populações do campo e da floresta;

III – transversalidade como estratégia política e a intersetorialidade como prática de gestão norteadoras da execução das ações e serviços de saúde voltadas às populações do campo e da floresta;

IV – formação e educação permanente em saúde, considerando as necessidades e demandas das populações do campo e da floresta, com valorização da educação em saúde, articulada com a educação fundamental e técnica;

V – valorização de práticas e conhecimentos tradicionais, com a promoção do reconhecimento das dimensões subjetiva, coletiva e social dessas práticas e a produção e reprodução de saberes das populações tradicionais;

VI – promoção de ambientes saudáveis, contribuindo para a defesa da biodiversidade e do respeito ao território na perspectiva da sustentabilidade ambiental;

VII – apoio à produção sustentável e solidária, com reconhecimento da agricultura familiar camponesa e do extrativismo, considerando todos os sujeitos do campo e da floresta;

VIII – participação social com estímulo e qualificação da participação e intervenção dos sujeitos do campo e da floresta nas instâncias de controle social em saúde;

IX – informação e comunicação em saúde considerando a diversidade cultural do campo e da floresta para a produção de ferramentas de comunicação; ...

Nesse contexto, as práticas de cuidados exercidas por mezinheiras, benzedadeiras, raizeiros e parteiras foram ouvidas, ou melhor, compreendidas, valorizadas e incluídas nas possibilidades de atenção primária nos territórios brasileiros. No entanto, tal realidade ainda não avançou em outros países, a exemplo dos Estados Unidos. Segundo O’ROURKE et al., 2019, p. 20., “essa proposta de agenda avançada para pesquisas de integração agricultura-pessoas, saúde-meio ambiente, é atualmente limitada pela falta de compreensão pública sobre como tais setores se relacionam.”

A Doutora Vera Dantas, militante e educadora popular em saúde, relata essa conquista sonhada por todo um coletivo militante na área da saúde popular (DANTAS, 2011):

A riqueza de potencialidades dessas diversas formas de cuidado tem desvelado possibilidades de diálogo concreto dessas práticas com o sistema oficial de saúde. Essas potências têm concretizado ações que caminham no sentido do acolhimento e humanização, da desmedicalização, da mobilização comunitária, da escuta qualificada e da produção de espaços e ferramentas criativas para a produção do cuidado, para a reflexão sobre diversas situações de adoecimento e sua prevenção partindo das culturas locais, de forma a promover a saúde e a autoestima, fortalecendo os vínculos comunitários e a identidade.

Porém, como nos relata Rosely, filha de Dona Iraci e aprendiz de mezinheira, ainda é um desafio consolidar essa relação entre saúde municipal e saúde popular no Chico Gomes:

“Um dos desafios é a valorização, o reconhecimento do trabalho das mezinheiras principalmente pelo pessoal da saúde. A gente desejava muito que fosse feito um trabalho em parceria, do atendimento, por exemplo, no Ponto de Saúde, quando houvesse o atendimento do médico, que também houvesse o atendimento de mezinheira para receitar uma mezinha.”

Sabemos que o caminhar se faz em meio às luzes e trevas, avanços e desafios, e, essa problemática lembrada por Rosely, certamente não é constatada apenas no território do Cariri. Deve ser comum a outros territórios do país, por homens e mulheres que resistem e preservam suas raízes camponesas nas práticas de cuidado e saúde. Faz lembrar que ainda há lutas a serem feitas e conquistas a serem saboreadas - doces, travosas ou amargas - como os sabores das mezinhas que curam e alimentar o Bem Viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados setores da atividade humana, estão trabalhando para garantir a proteção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo... Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta... Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades.*

(Papa Francisco)

Trilhar esse caminho de atuação e vivência das mezinheiras da comunidade Chico Gomes foi uma experiência única e gratificante. Um vínculo que foi e será fortalecido, em tempos comuns ou, de outra forma possível, em tempos de pandemia. O desejo era de ter estado com essas mulheres nas outras etapas presenciais da pesquisa, que foram planejadas, porém não possíveis no tempo esperado.

Essa construção tornou possível a constatação de que existe uma forte inter-relação entre os princípios e as práticas de Economia Popular Solidária, Convivência com o Semiárido e Práticas de Cuidado em Saúde. Tal inter-relação fornece elementos importantes para as demais experiências em curso nos territórios do Ceará e fazem cada vez mais de Chico Gomes uma experiência referencial.

Uma melhor integração da política pública de saúde do município ainda se faz necessário a fim de potencializar os serviços de atenção com a imprescindível contribuição das mezinheiras. Apesar dos esforços e dos avanços obtidos pela comunidade com os apoios da Universidade Federal do Cariri, Rede EdupopSUS Cariri, RECID e Cáritas, os relatos mostram que esse ainda é um desafio.

A abordagem territorial adotada pelas entidades de apoio e pela comunidade foi essencial para a passagem do olhar fragmentado das práticas ao olhar sistêmico. Os grupos de produtores/as, de jovens, de mezinheiras, têm interações fortes, inclusive desde sua gestação. Têm em comum a estratégia de construção de uma sociedade do Bem Viver naquele lugar. Da mesma forma, a articulação do grupo de mezinheiras com os grupos de outras comunidades do Crato e mesmo de outros estados, fortalecem política e socialmente esse segmento de cuidadoras que vêm de gerações passadas. São redes tecidas sem muita pretensão, que ganham espaço nos meios acadêmicos, nos movimentos sociais etc.

Por fim, mas não menos importante, não poderia deixar de reafirmar o papel da educação popular em promover o protagonismo, o empoderamento, as trocas e as sistematizações dos saberes dessas mulheres. De outra forma, não seria possível obter-se tamanha riqueza das experiências e de suas contribuições para nossa Mãe Terra. Ao trazer a educação popular para o universo da política pública de saúde no Brasil, o movimento que construiu essa iniciativa fez uma revolução nas estruturas antes encasteladas do sistema de saúde tradicional, que tinha na biomedicina e nos médicos formados seus eixos centrais.

Que este estudo possa iluminar e contribuir, de alguma forma, novos passos na Ciência e nas organizações civis. Além disso, que possa dar base, inspirações e fomentar ações e estratégias de atuação nos territórios e outros estudos e pesquisas nessa temática.

Assim, compreendo que é necessário o prosseguimento das atividades do grupo das mezinheiras, que elas continuem a iluminar e alimentar os passos das juventudes do campo, para que saúde e sustentabilidade sejam o tom dos territórios de nosso semiárido.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Caio Victor Semião; ARAÚJO, Fatiana Carla. **História do Cariri: um olhar sobre os indígenas da região na obra de J. de Figueiredo Filho**. Em: Anais do IV Congresso Internacional de História, 2014. Disponível em [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(30\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(30).pdf). Acesso

em02 de abr de 2020.

ARAÚJO, Bruna Dayane Xavier. **Raízes da cura: os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas Mezinheiras do Cariri cearense**. 2016. 164f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2016.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano- compaixão pela terra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Quarenta anos da Teologia da Libertação. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/> Acesso em: 03 de abr. de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei Orgânica da Saúde**. Brasília, Ministério da Saúde, 1990. Disponível em: <http://www.prattein.com.br/home/images/stories/Saude/Lei-org-saude.pdf>. Acesso em 10 de jun de 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. 1. ed.; 1.reimp. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

CÁRITAS DIOCESANA DE CRATO. **Revista Mezinheiras do Pé de Serra**. Crato. 2014.

DANTAS, Vera Lúcia A. **A saúde como prática popular**. [online] Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/5922\\_postado\\_em\\_03/11/2011](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/5922_postado_em_03/11/2011)> Acesso em: 09 de abr. de 2020.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. São Paulo: Cortez, 1988.

MEDEIROS, Alzira Josefa. Et al. **Economia solidária, educação popular e pedagogia da alternância: reaprendendo a aprender pelas veredas da descolonização do saber no Nordeste**. 1 ed. – Olinda,: MXM Gráf. e Ed. 2018.

NASCIMENTO, Ana Maria do. **Urucongo de artes: os sentidos das experiências de educação popular para jovens rurais**. 2019. 208 f./ Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.

NESPOLI, Grasielle; LOPES, Márcia Cavalcanti Raposo. **O cuidado em saúde**. Em: BORNSTEIN, Vera Joana et al (org). Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro. 2016.

NUNES, Alessandro Antônio Lopes. **Qualidade do solo em unidades de manejo agroflorestal e mata nativa em neossolúvico no município de Irauçuba-CE.** 2014. 54 f. Dissertação (Mestrado em Manejo de Solo e Água) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mossoró, 2014.

O'ROURKE, Megan E., et.al. **Percepções da agroecologia e um passo crucial : integrando a saúde humana.** Em: Caderno de estudos: saúde e agroecologia. vol. 1 / André Campos Burigo, Bernardo Amaral Vaz, Flávia Londres, Guilherme Franco Netto, Marco Antônio Carneiro Menezes, Marília Emília Lisboa Pacheco, Natália Almeida Souza, Paulo Petersen (Org.); tradução KhabiroTraduções.-Rio de Janeiro: FIOCRUZ: ANA: ABA-Agroecologia, 2019.

**POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NO SUS.**Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/PNEPS-2012.PDF>. Acesso em 03 de jun de 2020.

**SEPLAG. Governo do Estado do Ceará. Planejamento Participativo e Regionalizado – Oficinas PPA .** Caderno Regional Cariri. 2016.

**SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária.** 1ª. edição . São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2002.